

# MARÉ VIVA

Director (interino): ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 86 — Preço 5\$00 — 2/3/1978

DE SEMANA A SEMANA

## MEDIDAS EVENTUALMENTE CHOCANTES

Fala-se à boca cheia no lançamento de um novo programa de medidas de austeridade, numa iniciativa do Governo que «terá espantosos efeitos sociais e será um grande choque para o país», segundo as palavras do actual Primeiro-ministro. O mês que esta semana começou marcará a introdução dessas medidas, com as quais se pretende pôr em prática a linha política defendida por Mário Soares quando afirma que neste momento não se trata de construir o socialismo mas de salvar a economia. Não haja dúvidas que esta maneira de dizer e de encarar a grave crise que o País atravessa vem mesmo a matar na boca do principal dirigente de um partido que se diz socialista e dificilmente poderiam ser mais ingénuas para dar azo aos inimigos do socialismo dizerem que bem estar económico e socialismo são coisas opostas.

O que é facto é que no ano passado o aumento médio dos preços rondou os 27%, contras-

continua na página 6

## A Câmara em Lisboa Governo garante e promete

A garantia da realização de obras de emergência de defesa da praia, com reparação dos estragos provocados pelo mar na actual defesa, e reforço dos esporões e taludes existentes — tal foi a maior certeza trazida de Lisboa pelos três representantes do poder local que se deslocaram à capital para contactos com elementos do Governo, na intenção de actuar de imediato face à situação criada nas zonas mais afectadas pelo temporal.

Artur Bártolo, Avelino Zenha e A. Castro Lima tiveram ainda ocasião de obter informações oficiais de que prossegue o estudo da costa de Espinho, prevendo-se que após a conclusão desse estudo se possam então organizar as acções de fundo para uma defesa verdadeiramente eficaz da praia de Espinho. Contrariamente ao que se vinha falando desde há muito, nunca houve qualquer estudo sério do problema da costa de Espinho, mesmo adormecido em gaveta, pelo que é a primeira vez que tal se está a fazer. Há a certeza, porém, de que

continua na página 2

# O MAR VOLTOU

## — É URGENTE APROVEITAR MAIS ESTA LIÇÃO

Domingo, 26 de Fevereiro de 1978

«Eram para aí umas 4 da manhã, que eu nem tive tempo nem cabeça para ver as horas, quando isto se deu. Aqui em minha casa a água entrou-me pela porta dentro quando estava a tirar a tapete por causa das coisas. Fui parar ao fundo do corredor. Depois foi tentar tudo para ver se podíamos emparar as águas».

Assim nos punha ao corrente das aflições passadas uma das moradoras da rua 2 que com mais cerca de 2.000 famílias habitam uma zona que vive Invernos a fio com o coração nas mãos cada vez que o mar se levanta um bocado.

«A gente já tinha ido à Câmara quando vimos o mar pôr-se assim, e eles tinham ficado de cá vir para tratar disso. Mas agora é muito pior e é preciso umas obras grandes. As obras que nunca se fizeram e que a gente acha que desta vez tem mesmo que ser», continuou a nossa interlocutora, para justificar a manifestação que algumas dezenas de mulheres, às cinco da manhã, fez à residência do Presidente da Câmara, no desespero de quem vive uma grande inquietação e sente que só o auxílio dos poderes centrais lhes pode resolver uma situação que se vem adiando ano após ano, com crescentes prejuízos para os habitantes da beira-mar, e para toda a cidade em geral.

O espectro de destruição paira no ambiente. Blocos de pedra arrancados à balaustrada da praia misturam-se com os paralelos da rua esventrada, que o mar na sua fúria lançou contra as indefesas habitações da gente humilde e trabalhadora, destruindo portas, entrando sem pedir licença, destruindo os tectos e semeando a miséria. Voltaram-se a viver horas de angústia e desespero.

«Cada um pôs o que pôde às portas, pedras, bocados de madeira, colchões, tanques de lavar a roupa, e tratámos de arrastar os móveis para as traseiras, pois não nos atrevíamos a tirar as coisas para fora porque tinhamos medo de levar com alguma onda, como aconteceu a dois aqui ao lado, que foram atirados por uma porta dentro e um deles até foi tratar-se ao hospital», continuava a descrição enquanto nos mostravam os soalhos rebentados e encharcados. Uma casa de esquina ameaçava ruína pois o mar comeu a areia que lhe serve de alicerce.

A defesa da praia, a famigerada defesa frontal com pequenos esporões provou mais uma vez que não é solução. Desta vez é preciso aproveitar a lição, mesmo que não tenha havido vítimas a forçar uma actuação mais rápida e eficaz. É que ainda se está a tempo de se evitar que essas vítimas apareçam.

«O que é preciso desde já é garantir o bom estado da pequena defesa existente e que já é um investimento de milhares de contos. Depois havia de se fazer uma bacia protegida por esporões maiores como se vê, por exemplo, em Matosinhos. Não se pode esquecer que por baixo é tudo areia, e é assim em toda a parte da cidade, portanto o mar vai-se infiltrando por meio das pedras, puxa a areia e isto de repente começa a alagar e a casa cai-nos em cima. Agora é preciso pôr mãos à obra». Assim nos falava Zé Zagalo e outras pessoas,

continua na última página



## A ECONOMIA PORTUGUESA NO TEMPO DO FASCISMO

(2)

2. BREVE REFERÊNCIA A ÉPOCA SITUADA ENTRE O «28 DE MAIO» (1926) E A 2.ª GUERRA MUNDIAL (1939)

Expusemos, no último artigo, as razões por que nos parece útil analisar historicamente a economia portuguesa e porque decidimos limitar essa análise ao período que se segue à 2.ª guerra mundial. Não obstante, como nos parece importante a reflexão sobre todo o período fascista, iremos hoje fazer uma breve referência à época que se situa entre o «28 de Maio» e a 2.ª guerra mundial.

A época de que vamos hoje falar

(1926-1939) está dominada, no campo económico e social, pela dramática crise económica do mundo capitalista, que teve início nos E. U. A. em 1929 e se propagou aos demais países capitalistas nos anos seguintes. Em pouco mais de meia dúzia de anos, as contradições do capitalismo originaram que se queimassem milhares de toneladas de alimentos, se inutilizassem navios cuja tonelagem ascendia a 6,5 milhões, se destruíssem mais de 200 altos fornos, ao mesmo tempo que 33 milhões de trabalhadores eram lançados no desemprego e um número muito maior de seres humanos passava fome.

continua na página 5

# NOTÍCIAS

## Sindicatos discutem Conselho Municipal

Em reunião efectuada no dia 23 do corrente, na sede do Sindicato das Madeiras, realizou-se uma reunião de sindicatos sediados ou com delegações em Espinho, com vista à discussão da posição a tomar face à próxima constituição do Conselho Municipal, órgão que terá funções consultivas junto da Câmara e Assembleia Municipal e onde terão lugar representantes das organizações de interesse colectivo do Concelho.

Foi unanimemente reconhecida a oportunidade da criação dos Conselhos Municipais e entendido que a sua composição será determinante para a eficácia do seu funcionamento.

Em relação à representação do movimento sindical naquele órgão foi entendido que esta deverá ter em conta o grande peso de traba-

lhadores existentes na área do concelho de Espinho e garantir a sua presença através das suas organizações de classe — os Sindicatos.

Neste sentido foi decidido enviar à Assembleia Municipal uma proposta que, para além de conter os considerandos acima enunciados, defendia a participação no Conselho Municipal de quatro activistas sindicais a designar de entre os sindicatos com maior representatividade no concelho: Tapeteiros, Químicos, Escritórios e Comércio e Vestuário.

Nesta reunião estiveram representados os sindicatos dos Corticeiros do Norte, dos Mecânicos de Madeiras, dos Metalúrgicos, do Vestuário, da Panificação, da Delegação do Sindicato dos Químicos e ainda do Secretariado da União dos Sindicatos de Aveiro.

na marinha a criar situações de «suspense» às plateias espectantes, os produtores lançam-se decididamente no projecto e recorrem assim aos mais sofisticados meios técnicos para filmagens submarinas. Conclusão: fica-se a conhecer um pouco mais os segredos do oceano.

Quanto às emoções fáceis, dispensamo-las bem, pois preferimos a tranquilidade dos documentários de Jacques Cousteau.

Dia 7, Terça-feira

«O DEVISSO RENITENTE»

M/ 18 anos

Sinceramente, da Austrália só conhecíamos as séries juvenis que a TV exhibe regularmente. Desconhecíamos portanto outro género de produções cinematográficas. Mas, pelo caso, presente, vemos que também por lá se dedicam aos temas brejeiros. Para isso não era preciso ir tão longe. Os italianos já nos chegam e estão aqui mais perto.

NOTA — Amigos leitores! Com particular satisfação queremos chamar, desde já, a vossa atenção para o programa de filmes deste mês de Março, que no nosso entender, vai ser de assinalável qualidade. Como se vê, e, contrariamente ao que dizem alguns ser nossa constante a crítica depreciativa, registamos aqui o nosso júbilo pelo conjunto de filmes de invulgar valor que nos será dado ver e a que a seu tempo nos referiremos.

Terão assim os leitores a possibilidade de se prevenirem nas disponibilidades de tempo e de... orçamento.

**DR. CASTRO REIS**  
ESPECIALISTA PELA O. M.  
DOENÇAS DOS OLHOS  
ORTÓPTICA  
RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.  
TELEFONE 922470 — ESPINHO

**MARÉ VIVA**  
INTERESSA A TODOS

## Assembleia Municipal

No próximo dia 3 (amanhã), com início às 21,30 horas, realiza-se uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal.

A sessão, que é pública, efectua-se como habitualmente no edifício da Câmara e terá a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Eleição da Mesa da Assembleia;
- 2 — Deliberação sobre a participação de Espinho na construção de uma casa na Aldeia S. O. S., em Gulpilhares, V. N. de Gaia;
- 3 — Aprovação do Regimento da Assembleia Municipal.

  
**farmácias**

**QUINTA - Farmácia Teixeira**  
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

**SEXTA - Farmácia Santos**  
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

**SABADO - Farmácia Paiva**  
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

**DOMINGO - Farmácia Higiene**  
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

**SEGUNDA - Grande Farmácia**  
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

**TERÇA - Farmácia Teixeira**  
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

**QUARTA - Farmácia Santos**  
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

### AVISO

A Câmara Municipal de Espinho, faz saber que na sua reunião ordinária de 17 do corrente, depois de apreciado o pedido da Comissão Promotora da Trasladação dos Antifascistas Mortos no Campo de Concentração do Tarrafal, deliberou abrir subscrição pública, para angariação de fundos para custear as despesas com a construção de um Mausoléu, levado a efeito no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa, destinado ao depósito de ossadas dos antifascistas mortos no Campo de Concentração do Tarrafal.

Faz saber ainda que os interessados se poderão dirigir à Secretaria desta Câmara Municipal, dentro das horas normais de expediente, para completo esclarecimento.

Espinho e Paços do Concelho, 21 de Fevereiro de 1978.

O Presidente da Câmara  
Artur Pereira Bártolo

**maré viva**

Director :  
ANTÓNIO SANTOS

Redacção :  
RUA 62 N.º 251 - 1.º  
TEL. 921621 — ESPINHO

**SEMANARIO**

Propriedade :  
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :  
Alvaro Mendes, Antero Monteiro, António Letra, António Santos, Dário Capela, Domingos Ferreira, Eugénio Morais, Fernando Valadas, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Jorge Cunha, Jorge Lopo, Jorge Monteiro, Jorge Santos, José Cruz, Manuel Augusto, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração especial :  
Alberto Barbosa

Composição e impressão :  
TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.  
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

## Quatro listas para uma Associação

As eleições para a A. E. do Liceu de Espinho foram impugnadas por irregularidades já denunciadas.

Assim, no passado dia 24 de Fevereiro concorreram as três listas da primeira vez e uma quarta lista, ao que parece ligada ao PPD que assim concorreu em duas frentes.

A lista A, apoiada pela JSD, apresentava-se «Por um ensino e associativismo reformista, contra a política do MEIC». A lista B, a tal nova proposta do PPD, surgiu defendendo «um ensino democrático e a liberdade de ensino». A lista C, afecta ao CDS, apoiada pela JC, propunha como slogan «um ensino personalista e humanista». Com posições de defesa da unidade e independência dos estudantes concorreu ainda a lista D.

Entretanto, efectuadas eleições saiu vencedora a lista A, por pequena margem de votos em relação à lista C: 529 contra 496. A lista D recolheu 180 votos. Uma vez que nenhuma das listas alcançou a maioria, deverá realizar-se nova votação entre as duas listas mais votadas.

## A Câmara em Lisboa

Continuação da página 1

em Portugal existe capacidade técnica suficiente para proceder às obras necessárias, as quais, afinal, talvez não venham a revelar-se tão caras como em geral se teme.

Portanto, a nível de serviços centrais, a solução será ainda de compromisso, apontando-se não haver, de momento outra possibilidade. Admitindo isso, é natural, todavia, que muitos espinhenses ficassem mais satisfeitos se fossem indicados quaisquer datas para a realização dos tais trabalhos que, num futuro ainda incerto, virão trazer a garantia da que os lares não serão violados pelas águas e, como é desejo da cidade, poderão até permitir a recuperação de parte razoável da praia que neste momento permanece debaixo das águas.

Para já, há a certeza da realização das obras de emergência e a promessa de uma actuação mais eficaz logo que possível. Que aquelas comecem de imediato e que a promessa não fique esquecida, coisa que a população não permitirá, por certo, é o mínimo que se pode exigir. A isso obriga a dramática situação em que se viram metidos tantos dos nossos concidadãos.



## S. PEDRO

Dia 2, Quinta-feira

«O VALE DAS ABELHAS»

M/ 18 anos

Filme de um bom realizador checoslovaco, Frantisék Vlažil, que em jeito de comédia nos apresenta as atribuições de um religioso que por uns tempos deixa a sua instituição. A preto-e-branco e produzido em 1967 é ainda um excelente exemplo do cinema de qualidade que a Checoslováquia produz. A ter em atenção.

Dia 3, Sexta-feira

«UM LANCE NO ESCURO»

M/ 18 anos

Um detective (Gene Hackman) é chamado a investigar os motivos do abandono de uma jovem da casa dos pais. Este argumento, nas mãos de um realizador sem talento, daria um filme igual a muitos outros. Mas tal não acontece e assim se vai mais longe na abordagem dos conflitos familiares e sociais que na maior parte dos casos estão na base da insatisfação e desespero de muitos jovens. Quem nos ajuda a desvendar a evidência dessa realidade é Arthur Penn. Por isso lá estaremos no cinema, e o leitor também.

Dia 4, Sábado

«O PREÇO DA VINGANÇA»

M/ 13 anos

Repisando o que aqui temos dito sobre as fitas que já em tempos estiveram por cá, reforçamos que anda por aí muito filme (sem interesse na mesma) que ainda não nos visitou. Mal por mal antes o inédito.

Dia 5, Domingo

«O ABISMO»

M/ 13 anos

Depois dos grandes êxitos comerciais obtidos pelos filmes que apresentam certas espécies de fau-

# PARAMOS

## Subsídio para um levantamento cultural

Proseguimos hoje com a nossa contribuição para o levantamento cultural das freguesias do concelho de Espinho. Depois de Guetim, surge-nos Paramos. Também como anteriormente, repetimos que não se pretende que este subsídio seja exaustivo ou completo, pelo que serão bem-vindas todas as sugestões e correcções dos nossos leitores.

**MONUMENTOS E EDIFÍCIOS** — neste capítulo, de interesse histórico poderão apenas ser considerados os templos religiosos da freguesia: a Igreja Matriz inaugurada em 1890, a capela da N. Sra. da Guia, do séc. XVII, e as capelas do senhor do Calvário, no Monte, e de S. João, na Praia, estas já deste século. Como em Guetim, existem dois cruzeiros, construídos em 1940, com o mesmo objectivo: a comemoração do VIII centenário da Fundação e II da Restauração.

**ORGANIZAÇÕES PARA A ACÇÃO CULTURAL** — inscrevem-se neste capítulo, o Clube Recreativo e Cultural de Paramos, com tradições culturais e desportivas, a Banda União Musical Paramense, que se dedica à música e à projecção de cinema nomeadamente, o Aero Clube da Costa Verde e a Sociedade Columbófila «Andorinhas de Paramos». Embora não legalizados

existem também diversos clubes populares desportivos que se dedicam principalmente à prática do futebol: Futebol Clube da Corredoura, Clube de Iniciados do Monte, Grupo Desportivo da Cooperativa Operária Paramense, Águias Futebol Clube, Futebol Clube do Azeiteiro e Grupo Desportivo da Quinta.

**ENSINO** — apenas o ensino primário está representado nesta freguesia e por meio de 2 salas de aula no lugar da Corredoura, 3 no lugar do Monte, 1 no lugar da Lomba e 4 no lugar da Bouça. Funciona ainda um curso de Telescola, estando previstas para breve mais 14 salas de aula.

**LOCAIS DE CONVÍVIO** — o mais importante é sem dúvida o salão da Banda União Musical Paramense, equipada com projectador de 35 mm e com uma capacidade de cerca de 400 pessoas sentadas. Para além deste salão, deverá ser ainda considerado o salão do Clube Recreativo e Cultural.

**ACTIVIDADE MUSICAL** — a banda concentra o maior quinhão desta actividade, dispoñdo de um grupo com 36 elementos e um Grupo Sacro (instrumentos e coro) com 10 a 12 elementos. Funcionam na banda também cursos gratuitos de iniciação musical. De registar, para



além da banda, a actividade do Coro da Igreja, com cerca de duas dezenas de elementos e que conta com o apoio do órgão da Igreja, bastante antigo. Existe um outro órgão, de menores dimensões, na Capela da N. Sra. da Guia.

**TEATRO** — não há de momento qualquer grupo com actividade teatral em Paramos, embora seja encaráda seriamente a reactivação do Grupo de Teatro da Banda.

**FESTIVIDADES** — as únicas festas com carácter regular que se realizam em Paramos são as festas de S. João. Realizadas todos os anos no domingo mais próximo do dia 24 de Junho, têm lugar na Praia, junto à capela e conta com manifestações religiosas (missa campal, sermão e procissão) e com o tradicional arraial. São organizadas por uma Comissão de Festas, nomeada todos os anos para esse efeito.

# GUETIM

## Assembleia de Freguesia continua incompleta

Realizou-se, no passado dia 10, uma reunião da Assembleia de Freguesia de Guetim e de que só agora damos notícia por falta de espaço. A ordem dos trabalhos tinha como ponto fundamental a eleição da nova Mesa da Assembleia, dado o abandono do secretário, que era representante do P. P. D.. Aliás, e como noticiámos, desde há alguns meses que os representantes deste partido na Assembleia de Freguesia têm primado pela ausência: quer os designados inicialmente e que foram exonerados por faltas injustificadas, quer os seus substitutos designados.

Apenas um elemento do P.P.D., António Ramos, tem comparecido com alguma regularidade e assumido assim as responsabilidades que contraiu perante o seu eleitorado, para além, naturalmente, dos representantes da C.E.I.F.G.

A reunião do dia 10, seria, esperava-se, a oportunidade de se completar o número de sete elementos que constituem a A. F. Guetim e para isso contava-se com a presença de dois substitutos que preenchessem as vagas deixadas pelos seus colegas do P.P.D. Ora isso não aconteceu, mais uma vez, pelo que se procedeu à eleição de uma nova Mesa, entre os cinco elementos presentes. Esta passou a ser constituída por três elementos da C.E.I.F.G.

A segunda parte da reunião foi preenchida por esclarecimentos do presidente da Junta de Freguesia, que informou das obras e outras iniciativas que tem vindo a levar a cabo e de que já demos devido desenvolvimento no nosso último número.

# ANTA

## A propósito de expropriações

O progresso é irreversível e inevitável. A educação e o ensino são algo de muito precioso e que, portanto, esse progresso tem de auxiliar e promover.

Neste quadro pode-se inscrever a já assente construção de um novo edifício do Ciclo Preparatório e escolas primárias, em Anta, acima da rua 32, e entre as ruas 23 e 33. E, para além dos edifícios, muito naturalmente uma série de estruturas de apoio urbanístico e de serviços, que incluem designadamente um parque de estacionamento. Nada mais certo e justo.

Mas, como todas as coisas, também o progresso tem os seus custos. Sociais nomeadamente.

A zona abrangida pela construção deste complexo escolar vai ser expropriada pela Câmara, afectando em particular umas cinco casas de habitação e uma área relativamente extensa de lavradio.

A Repartição Técnica da C.M.E. já andou na zona a proceder a estudos topográficos e, entretanto, um dos moradores que é proprietário duma daquelas casas (as outras são alugadas) já recebeu uma notificação para ir à Câmara.

Falámos com um dos outros moradores, Joaquim Coelho, que vive em casa alugada e que nos declarou já viver ali há mais de 30 anos e que não lhe agrada sair dali, pois já tem a sua vida organizada, as suas culturas, etc. Disse que oficialmente ainda não tinha conhecimento de nada, pois a casa não é dele e acrescentou: «Reconheço a necessidade de se urbanizar a zona, mas tem que ser encontrada uma solução que não afecte hábitos de vida que já estão radicados há muitos anos».

Este morador não deixa de ter razão. Se o progresso não deve ser obstruído por Interesses particulares, não é menos verdade que a solução óptima não pode residir numa simples transferência de alojamento de pessoas, sem que de algum modo sejam respeitados os seus hábitos de vida.

Claro que a Câmara pode não ter quaisquer responsabilidades nesta situação, nem as terá a Direcção de Construções Escolares. As insuficiências do País em equipamentos e estruturas são demasclado grandes para que haja muito tempo para atender a estes problemas sociais. Já basta a burocracia.

Mas, se neste caso talvez não seja possível ultrapassar o problema de modo satisfatório, que pelo menos se pense que estas questões existem e que devem ser também consideradas na sua importância.

Entretanto, os moradores, que prevêm a tomada de iniciativas conjuntas para a defesa dos seus interesses, exprimiram também a sua preocupação pelas baixas indemnizações relativas aos terrenos, principalmente, e que são função da contribuição que esses terre-

nos pagam. Mas se a lei assim prescreve, que se poderá fazer para garantir uma indemnização que os moradores considerem justa para as suas culturas?

## Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

## S. PAIO DE OLEIROS

S. Paio de Oleiros (e arredores) assistiu, no último sábado, dia 25, no Pavilhão Gimnodesportivo, a uma realização cultural de largo alcance. A música aconteceu.

Mais de um milhar de pessoas, apesar do mau tempo que deve ter retido em casa alguns menos corajosos, pôde escutar Mozart, Joly Braga Santos, Tchaikowsky, Borodine, Berlioz e pôde acompanhar, cantando, a «Marcha Pompa e Circunstancia» de Edward Elgar.

Dirigindo a Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa o maestro José Atalaya, comentando as obras referidas, mostrou uma vez mais o seu natural dom de comunicabilidade didáctica e atraente. Ouvimo-lo dizer que estava provado o gosto que o povo oleirense nutre pela música. Ouvimo-lo incitar a Tuna de S. Paio de Oleiros, que há longo tempo pendurou os instrumentos, a não se deixar morrer e a acalantar a longa tradição

## E VIVA A MÚSICA!

musical daquela terra.

A Junta de Freguesia, promotora do concerto, que mereceu a colaboração de entidades várias, ofereceu medalhas comemorativas da sua primeira actuação em Oleiros à O.S.P., ao maestro e ao elemento da orquestra, residente em Espinho, Sr. Ramón Miravall, pelo entusiasmo que dedicou à causa da realização deste concerto.

Estivemos presentes, cantámos, aplaudimos, esforçamo-nos, na medida das disponibilidades do momento, por dar a nossa colaboração.

Não andámos à cata de eventuais defeitos de organização para fazermos agora o nosso reparo. O acontecimento justifica por si próprio todo o nosso aplauso e simpatia.

Pena seria se se tratasse de um facto isolado, sem continuidade em actos culturais deste ou doutro tipo.

SOCIEDADE

**MALHAS COPILTEX**

LDA.

Confecção de Malhas para Criança e Adulto

Rua 22 n.º 1200

Apartado 76 ESPINHO

# TRABALHO

## EM S. JOÃO DA MADEIRA

### Discutida a estruturação da União dos Sindicatos de Aveiro

Por iniciativa da Comissão de Reestruturação da União dos Sindicatos de Aveiro, eleita no plenário de Sindicatos de 27 de Janeiro, realizou-se no passado dia 25 de Fevereiro na sede do Sindicato do Calçado e Malas, em S. João da Madeira, um plenário aberto à participação de dirigentes e delegados sindicais, comissões de trabalhadores e trabalhadores em geral, para a análise da actual fase de reestruturação da União dos Sindicatos de Aveiro, assim como do plenário de Sindicatos efectuados em Lisboa recentemente.

Das resoluções desta reunião

destacam-se:

— apoiar as tarefas de mobilização dos trabalhadores em torno da reestruturação da União dos Sindicatos de Aveiro.

— iniciar uma campanha de esclarecimento junto de todos os trabalhadores para estes obterem junto de todas as Direcções os projectos de Estatutos e Programa de Acção para a U. S. A., oportunamente entregues aos Sindicatos.

— manifestar a sua indignação e preocupação face à constituição do actual governo e recomendar às Associações Sindicais a organiza-

ção a mobilização dos trabalhadores pelo cumprimento da Constituição e defesa das conquistas de Abril, pela definição de uma política de Segurança Social e de Saúde com a participação dos trabalhadores e pela defesa do poder de compra dos trabalhadores e das camadas de mais baixos rendimentos.

— combater todas as iniciativas divisionistas e as provocações das organizações do patronato e manifestar todo o apoio e confiança à acção do Secretariado da C.G.T.P./Intersindical.

## ELECTRICISTAS Lista B vence as eleições

Realizaram-se nos passados dias 24 e 25 de Fevereiro as eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Electricistas do Centro do País. Do resultado da votação saiu vencedora a lista B, onde predominam militantes da U. D. P., em prejuízo da lista A, unitária, e da lista C, considerada afecta ao M.R.P.P.

A distribuição dos votos foi a seguinte: lista B — 876; lista A — 539 votos e lista C — 53 votos.

## LEGALIZADA A «UNIÃO DOS AGRICULTORES DE ESPINHO»

Na sequência de decisão tomada em reunião de agricultores de que demos notícia no nosso último número, foi assinada a escritura para a constituição legal da União dos Agricultores do Concelho de Espinho.

A sede da União funcionará provisoriamente no lugar da Estrada, em Anta, ficando ainda, pela escritura, regulada a admissão de sócios pelas seguintes alíneas que transcrevemos:

a) «Os agricultores que explorem exclusiva ou predominantemente com o trabalho próprio ou de familiares, terrenos ou instalações próprias ou alheias, destinadas à produção agrícola, pecuária ou florestal.

b) Os indivíduos que exerçam cumulativamente a actividade por conta própria e trabalho por direcção de outrem».

## EM CORTEGAÇA

### PLENÁRIO DE REFORMADOS

Realizou-se no passado sábado, na sede do Sindicato dos Tapeiteiros, Cordoeiros e Redeiros do Centro, um plenário de Reformados promovido pela Associação de Reformados do Concelho de Ovar.

Este plenário foi bastante concorrido, contando com a presença de representantes das associações de reformados do Porto e Espinho, da Caixa de Previdência de Aveiro e da Caixa de Previdência dos Têxteis, bem como a de diversos elementos das autarquias locais da região. Entre estes, o Presidente da Câmara de Ovar, da Junta de Freguesia de Esmoriz e representantes da Assembleia Municipal de Ovar e da Junta de Freguesia da Arada.

Na reunião, que se prolongou por cerca de três horas, foram discutidos os problemas que afectam os reformados, num debate que tocou diversas facetas da condição dos reformados, bem como as posições que a este respeito os diversos governos têm assumido. Uma das

questões que mereceu maior atenção para além das pensões de miséria, foi a da deficiente assistência médica que resulta, frequentemente, em prejuízos muito graves para os reformados, nomeadamente no que se refere ao apoio medicamentoso e aos critérios utilizados para a definição de incapacidade para o trabalho.

Pela sua importância, é igualmente de destacar uma resolução que sugere a inclusão de quatro representantes dos reformados na Caixa Nacional de Pensões, que se espera venha a ser ratificada na próxima Conferência de Reformados em Coimbra.

De registar ainda o elevado número de adesões à Associação de Reformados de Ovar, que conta entretanto com cerca de 150 sócios e projecta continuar a promoção de outros plenários em outros locais do concelho, de modo a que a Associação se reforce ainda mais e atinja a meta estabelecida de quinhentas inscrições.

## CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico que neste cartório e no livro E-B, a folhas 19, com data de hoje, se acha exarada uma escritura de CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE COOPERATIVA sob a denominação «COOPESPINHO-Sociedade Cooperativa de Consumo, Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada», com sede na freguesia e concelho de Espinho, provisoriamente na rua 22, 308 com o objectivo de fornecer a todos os seus associados nas melhores condições de preço e qualidade bens de consumo ou serviços necessários à satisfação das suas necessidades e cooperar em todas as iniciativas que visem a defesa dos legítimos interesses dos associados, observando os princípios básicos da Rochdale.

Parágrafo único — Futuramente e se as circunstâncias o aconselharem poderá passar a fornecer ao público em geral e a abrir outras

instalações fora da sede mediante proposta aprovada em Assembleia Geral, convocada para o efeito nos termos do artigo quarenta e quatro.

A sua duração é ilimitada e o capital mínimo de cinquenta contos é variável e ilimitado representado por acções e compreende o capital individual e colectivo. O capital individual é constituído por acções de cem escudos e é propriedade particular dos sócios posta ao serviço da Cooperativa. O capital mínimo de cada sócio é de 2.000\$00 — 20 acções — e o máximo é ilimitado, ficando, contudo, o capital superior a 10.000\$00 — 100 acções — sujeito às disposições legais.

São sócios da Cooperativa os indivíduos maiores de 16 anos, sem distinção alguma de sexo, raça, cor, religião ou ideologia política, desde que solicitem e obtenham a sua inscrição como tal.

Sócios individuais são os indivíduos maiores de 16 anos e sócios colectivos são as colectividades de carácter popular, legalmente constituídas, que não visem fins contrários aos princípios cooperativis-

## LIMA BASTOS

ADVOGADO

Escritório:  
Largo de Camões — Telefone 96281  
VILA DA FEIRA

Residência:  
Av. 24 n.º 245 - 1.º — Tel. 922904  
ESPINHO

tas. Aos associados que não cumprirem os seus deveres, promovam o descrédito da Cooperativa, dificultem o seu desenvolvimento ou pratiquem acto hostil ou desonesto para com esta serão aplicadas as seguintes penalidades conforme a gravidade dos factos: a) Repreensão registada; b) Suspensão; c) Expulsão. Qualquer associado poderá demitir-se desde que tenha satisfeito todos os débitos para com a Cooperativa.

ESTA CONFORME AO ORIGINAL

Espinho e Cartório Notarial, 13 de Fevereiro de 1978.

## Movimento Unitário nos Trabalhadores de Escritório e Comércio

Em documento que circulou junto dos trabalhadores de Escritório e Comércio, e aprovado em reuniões sindicais, é dada a conhecer uma proposta para a formação de um «Movimento Unitário de Trabalhadores de Escritório e Comércio do Distrito de Aveiro».

Nesse documento, o grupo de trabalhadores signatário critica a actuação dos responsáveis pelo seu Sindicato e sugere, nomeadamente, a dinamização da vida sindical e o reforço da unidade de todos os trabalhadores.

Para isso, propõe designadamente a formação de um movimento unitário com vista ao próximo acto eleitoral, de modo a haver condições para uma luta coesa e objectiva em defesa dos interesses da classe.

## ELEIÇÕES NOS MECÂNICOS DE MADEIRAS

Realizam-se no próximo dia 11 de Março as eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Operários das indústrias de Madeiras dos Distritos do Porto e Aveiro.

Este acto assume neste momento particular importância, dada a recusa da quase generalidade do patronato em cumprir a própria Portaria Regulamentadora de Trabalho, que prevê salários dos mais baixos do mundo do trabalho.

Das listas concorrentes, reúne mais favoritismo a lista A, sob a sigla «Por um Sindicato Forte e Unido ao Serviço dos Trabalhadores», e que defende a participação activa na C. G. T. P. /Intersindical.

# No aniversário da morte de MANUEL LARANJEIRA



Passou no dia 22 de Fevereiro mais um aniversário da morte de Manuel Laranjeira, escritor e poeta espinhense que foi fi-

gura de relevo no pensamento e na literatura dos inícios deste século.

Para recordar essa data e lembrar aos espinhenses de hoje esse cidadão ilustre, a «Defesa de Espinho» fez descerrar no edifício onde Manuel Laranjeira morreu uma lápide evocativa.

Manuel Laranjeira tem também o seu nome ligado ao liceu da cidade. Todavia, este interesse por divulgar o conhecimento do homem não se deve limitar a tornar o seu nome mais frequentemente citado. É sobretudo preciso que se criem condições para que a sua obra possa despertar o interesse das pessoas, para que os seus escritos de teatro não se fiquem eternamente cerrados em páginas amareladas. É urgente que se dê uma renovação cultural em que a obra de Laranjeira terá o seu lugar. O poeta que procurou interpretar a vida e o mundo merece a nossa atenção. Até porque interpretar o mundo é o primeiro passo para o transformar.

## A ECONOMIA PORTUGUESA NO TEMPO DO FASCISMO

continuação da página 1

Esta crise teve, naturalmente, reflexos em Portugal, agravando os problemas do desemprego e das condições de vida da classe trabalhadora, e está relacionada com a não menos grave crise política que então afectou a Europa. Referimo-nos à ascensão ao poder (ou à consolidação no poder) do nazismo Salazar, na sua visão retrógrada

da doutrina cristã, reclamava para os portugueses, como ideal de vida em pleno século XX, a agricultura, a pastorícia e a austeridade bíblicas! Assim colocava o País e os portugueses à margem do tempo, ou seja, à margem da industrialização e do progresso que, nos demais países europeus, estava em pleno desenvolvimento desde a se-

## GAZETILHA DEVANEIOS

Do alto da penedia  
Escuto o mar caprichoso,  
Resmungando noite e dia  
Seu segredo misterioso.

Como o inverno é de rigor,  
Eu levo a imaginação  
A antegozar o calor  
Dum dia em pleno verão.

Espanta-me a maravilha  
Da Vida — cristal de rocha  
Exaltação que mais brilha  
Ante a flor que desabrocha

Numa pincelada d'oiro  
Que a aurora traçou no céu,  
Enriqueceu-se o tesouro,  
Co'as cores que o Sol lhe deu.

A graça da Primavera  
Cobre a terra estremunhada,  
Com seu manto de quimera  
Que a deixa transfigurada.

Viver! Que deslumbramento!  
Puro azul, Sol criador!  
Que sublime encantamento  
Voar nas asas do amor!

Vida bela! Até no Outono:  
Murcham flores no canteiro...  
— Que importal Durma-se um SONO...  
Mas não seja o derradeiro!

Alberto Barbosa (BEKA)

De um lado tínhamos um pequeno número de propriedades de enorme dimensão (os latifúndios do Alentejo e do Ribatejo); do outro, grande número de propriedades de pequeníssima dimensão. As principais (latifúndios), que se prestavam à mecanização e consequente

fosse levada a cabo qualquer reforma da estrutura da propriedade durante todo o período fascista. Desta forma, os mentores do regime impediram que se criassem condições para que as necessidades alimentares (e não só) da generalidade dos portugueses pudessem

## CRONOLOGIA DA ÉPOCA

1926

- uma revolta militar, chefiada por Gomes da Costa, institui a ditadura
- é dissolvido o Congresso da República e estabelecida a censura prévia à imprensa
- é extinto o ensino primário superior
- 1927
- falham vários movimentos militares contra a ditadura
- a C. G. T. (Confederação Geral do Trabalho) é dissolvida
- 1928
- o general Carmona é eleito Presidente da República
- o coronel Vicente de Freitas forma Governo e chama à pasta das Finanças Oliveira Salazar, simpatizante da Monarquia
- falham revoltas de algumas unidades militares
- 1929 — 1930
- Salazar lança a ideia do

«Estado Novo», inspirado no fascismo de Mussolini, na ditadura de Primo de Rivera (Espanha) e na visão retrógrada que tem da doutrina cristã

- é publicado o «Acto Colonial», em que é repudiada a descentralização administrativa das colónias

1931

- é fundada a «União Nacional», partido único disfarçado de associação política

1932

- a crise económica mundial iniciada em 1929 nos E.U.A. alastra a todo o mundo. Portugal também sente os seus efeitos
- Salazar ascende à chefia do Governo
- Hitler ascende ao poder
- é aprovada a Constituição da República, após plebis-

cito em que as abstenções contam como votos a favor

1933

- é promulgado o «Estatuto do Trabalho Nacional», inspirado na «Carta del Lavoro» que Mussolini impusera à Itália, o qual proíbe a greve e institui os «sindicatos oficiais»

1934

- os operários reagem com greves ao «Estatuto do Trabalho». Destaque para a greve da Marinha Grande

1935

- em eleições sem competição, o general Carmona é reeleito Presidente da República

1936

- em Espanha, a Frente Popular, que agrupa os defensores da liberdade e da

emancipação dos trabalhadores, ganha as eleições gerais

- Salazar permite em Portugal a conspiração que prepara a guerra civil de Espanha
- é criada a Mocidade Portuguesa
- o campo-prisão do Tarrafal (Cabo Verde) recebe os primeiros presos políticos

1937

- a guerra civil prossegue em Espanha. Hitler, Mussolini e Salazar apoiam as tropas fascistas e garantem-lhes vantagem militar
- Salazar escapa ileso de um atentado à bomba

1939

- a guerra civil de Espanha termina com a derrota da Frente Popular (2 milhões de prisioneiros, 1 milhão de mortos, 500 mil exilados)
- começa a 2.ª guerra mundial

(Alemanha) e do fascismo (Itália, Espanha e Portugal).

No plano interno, os factores que explicam a estagnação da economia portuguesa nessa época parecem-nos ser os seguintes: 1) a ideia, então dominante, de que Portugal tem vocação agrícola, e a consequente recusa da industrialização; 2) a exploração das colónias.

gunda metade do século XIX (ainda que com crises graves, como se referiu).

Mas a «opção agrícola» não significava que o regime do «Estado Novo» tivesse a intenção de promover o desenvolvimento da agricultura. Esse desenvolvimento era sobretudo impedido pela estrutura muito desequilibrada da propriedade e pelos interesses a ela ligados.

aumento rápido da produção, ou estavam abandonadas ou muito pouco aproveitadas; as segundas, inadequadas à mecanização, eram utilizadas em agricultura de mera subsistência.

Os grandes agrários que, conjuntamente com os exploradores das riquezas coloniais, constituíam então o principal sustentáculo do regime, conseguiram obstar a que

ser melhor satisfeitas, ao mesmo tempo que, na zona do latifúndio os trabalhadores rurais, ou não tinham emprego ou só o tinham em certas e limitadas épocas do ano.

O segundo factor dominante é a exploração colonial. Esta foi a época áurea da exploração desenfreada das riquezas coloniais (ou, mais correctamente, do trabalho

continua na página 6

# A ECONOMIA PORTUGUESA

continuação da página 5

africano), nas plantações, nas minas, no comércio, nos transportes, em proveito de uma escassa minoria de portugueses, serventaria do regime. Os lucros fabulosos resultantes dessa actividade, em vez de serem canalizados para o investimento produtivo (construção e equipamento de novas fábricas, por exemplo) eram destinados a consumos de luxo ou a investimentos de carácter especulativo.

As indústrias existentes nesta época eram pouco numerosas e significativas, e, sobretudo, não obediam a um plano coerente de industrialização (que, como vimos, não era desejada). Ou estavam ligadas à exploração das matérias-primas e minérios das colónias (indústria têxtil algodoeira) ou à satisfação de necessidades elementares de subsistência da população (moagem, panificação). Não existiam as chamadas infraestruturas necessárias ao desenvolvimento industrial (electrificação, rede de estradas, portos, aeroportos).

O nível de vida da generalidade da população portuguesa era extremamente baixo. A parte mais significativa da classe trabalhadora — os trabalhadores rurais — vivia da agricultura que, nas condições em que era praticada, apenas lhe podia dar o mínimo indispensável para sobreviver. Não havia seguro social (assistência na doença, reforma). A maior parte da população não tinha sequer acesso ao ensino primário.

O quadro que traçamos parece-nos suficiente para se concluir que, durante este período, a classe trabalhadora se viu reduzida à mais degradante miséria e ao mais humilhante silêncio. Mas resistiu. A prova está, por exemplo, nas greves de 1934, que tiveram particular incidência na Marinha Grande.

(continua)

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

### AVISO

Avisam-se as pessoas interessadas que durante o corrente mês e o de Março ainda se encontram em pagamento as licenças de publicidade e rampas relativas ao ano de 1978. Se as mesmas não forem pagas dentro do prazo ficarão sujeitos ao adicional de 30% ao abrigo do Decreto-Lei n.º 49.438 de 11-12-1969.

Espinho e Secretaria da Câmara  
14 de Fevereiro de 1978

O Presidente da Câmara,  
Artur Pereira Bártolo

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

### EDITAL N.º 8/78

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faz saber que a Câmara Municipal de Espinho, na sua reunião ordinária de dezasseis do corrente tornou obrigatória a aplicação do artigo 5.º do Decreto número 360 /71, de 21 de Agosto, segundo o qual os requerentes de licenças para obras terão que fazer prova bastante de que a responsabilidade por acidentes se encontra garantida na forma geral. (Seguro)

Mais faz saber que a partir do próximo mês é obrigatória a apresentação do documento comprovativo do seguro no acto da liquidação da licença, da qual passará a constar o certificado de que tal obrigação se encontra satisfeita.

E, para constar se passou esta e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Espinho e Paços do Concelho,  
22 de Fevereiro de 1978.

O Presidente da Câmara  
Artur Pereira Bártolo

# DESPORTO

## I Torneio de Voleibol Juvenil da Páscoa

Organizado pela secção de Voleibol da A. A. E. vai decorrer de 20 a 25 de Março, no seu Pavilhão o I Torneio de Voleibol Juvenil da Páscoa. À semelhança do Torneio de Varão, este é mais um esforço daquela secção no sentido de movimentar a juventude espinhense através da prática do Voleibol.

Poderão participar todos os jovens dos 10 aos 14 anos os quais serão divididos em 2 escalões: Escalão A — 10 a 12 anos em 31 de Janeiro de 1978; Escalão B — dos 12 aos 14 anos completos em 1 de Outubro de 1978.

Facto inédito será a possibilidade de os estabelecimentos de ensino locais se poderem fazer representar com o número de equipas que pretenderem.

As inscrições de equipas (de 6 a 9 jogadores) poderão ser feitas até ao dia 15 de Março na sede do clube das 21,30 às 23,30 ou no Pavilhão a partir das 18 horas.

Igualmente serão aceites, mas só até ao dia 10, inscrições individuais encarregando-se a Organização de constituir equipas.

Estão previstas sessões de treinos orientadas por colaboradores técnicos em local e horas a indicar.

Jovens: Isto é o que a secção de Voleibol da Académica pode fazer por ti. A partir daqui depende de ti o êxito desta iniciativa. Passa a palavra aos teus colegas.

A ti pai nos dirigimos também: Não permitas que teus filhos permaneçam inactivos. Incita-os a comparecerem.

No Pavilhão da Académica de 20 a 25 de Março (Férias da Páscoa).

## VOLEIBOL

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão  
Ac. S. Mamede, 1 — S. C. E., 3  
S. C. E., 3 — Ac. Coimbra, 0

Campeonato Nacional de Juniores  
FEMININO

CDUP, 2 — S. C. E., 3  
Campeonato Nacional de Juvenis

Madalena, 0 — S. C. E., 3

No voleibol destaca-se a vitória do S. C. E. em S. Mamede pela utilidade de que se revestia, uma vez que os tigres, depois de derrotados pelo Esmoriz, se perdessem este jogo teriam hipótese muito remotos de apuramento para a fase final do nacional. Assim a situação melhorou bastante já que esta vitória colocou o S.C.E. em igualdade de circunstâncias com o Esmoriz e a Ac. S. Mamede. Esperemos que a equipa, agora que apanhou novamente o comboio, não volte a perdê-lo.

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

### MASCULINO

Gondomar, 3 — A. A. E., 0

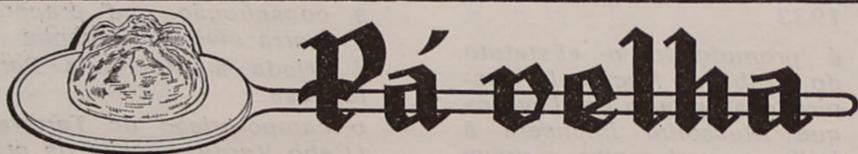
### FEMININO

A. A. E., 3 — Guarda, 0

### JUVENIS MASCULINOS

A. A. E., 3 — Fluvial, 0

Resultados perfeitamente previsíveis das equipas da Académica que em nada alteram as suas classificações. De notar que o Nun'Álvares de Gondomar se mantém, juntamente com o At. da Madalena, no topo da tabela.



# Pá velha

Confeitaria \* Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrico diário)

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

## TELE-ROCHA

Electrodomésticos — Rádio e TV — Sonapgas

Instalações Eléctricas — Canalizações — Móveis e Decorações

Assistência Técnica em todo o material

Estabelecimentos: Rua 18 n.º 988 — Rua 31 n.º 469

Oficina: Rua 31 n.º 414 — Armazém: Rua 16 n.º 1005

Telefs. 920977 e 920325 — ESPINHO

## C. M. OLIVEIRA

IMPORT. — EXPORT.

Vidros e Espelhos — Espelhos p/ Quarto de Banho Lady

«VICAR» — Espelhos Serigrafados c/ moldura «VICAR»

Cozinhas moduladas «MARGUEL» — Mobiliário «FLAIR»

Acessórios p/ cozinhas e quarto de banho

SALÃO DE EXPOSIÇÃO e VENDAS:

Rua 23 n.º 898 — ESPINHO — Telefs. 921544 / 9640087

## DE SEMANA A SEMANA

tando com 10% de crescimento médio dos salários. São números eloquentes até para contestar a afirmação simplista dos que dizem que tudo tem que subir porque os salários também sobem. E agora que já está à porta o «pacote 3», prevêem-se fortes aumentos em produtos essenciais, após o que será lançado um «cabaz de compras», já com preços actualizados e onde continuarão provavelmente a não estar incluídos alguns bens essenciais.

Tudo isto acompanhado de cortes em verbas para utilizar em sectores fundamentais como a Educação e os Assuntos Sociais, e de medidas já previstas pelo I Governo Constitucional mas que têm estado à espera

continuação da página 1

de oportunidade. Oportunidade que parece ter surgido agora, com a formação do tal governo «com pernas para andar» e que se propõe dar passos que irão ter como consequência um abaixamento no deficiente nível de vida da maioria dos portugueses.

Porém, os sectores mais atingidos estão a organizar-se para fazer ouvir a sua voz, a voz de um povo disposto a fazer os sacrifícios necessários mas em troca da garantia de um futuro melhor e não para obedecer às ordens de qualquer agência económica estrangeira e recuperar os lucros e os «postos de trabalho» de empresários-patrões em dificuldades.

VISTA OS SEUS FILHOS  
NA

## BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

## FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

# QUE DESPORTO?

Domingo, 26 de Fevereiro. Entre as 10 horas e as 10,45 no Pavilhão da A. A. E. lá em baixo, entre as 4 tabelas, 10 miúdos (não mais de 14 anos) jogavam a sua partidinha domingueira. Mas não tão ingenuamente como a idade faria pensar. Na bancada, algo agitada, a assistência mais afectada, talvez, aos atletas do que aos clubes. Mas nem tudo corre bem. A bola parece não conhecer o caminho das balizas. Os nossos (e os «deles») não conseguem resolver a bem a questão. Vai daí e a assistência começa a incitá-los. Dum lado e doutro começam a chover os incitamentos e o apoio à violência. Daqueles que por vezes apetece atirar ao ar na rua ou em casa mas que a presença dos vizinhos, ou de quem passa, nos inibe. E os miúdos, tão vibrantemente apoiados, vão na onda (daquelas que nos fustigaram tanto neste fim-de-semana) E aquilo

que poderia ser confraternização não o foi. Felizmente que não houver mortes nem feridos graves. Mas com o andar dos tempos não o estranhemos. Com os mais velhos a dar o exemplo não tardará por aí a aparecer uma equipazinha de «baioneta» alinhada no stick.

Não! Mais, não!  
 Já vai sendo tempo de nós, adultos, «portadores da cultura, homens-bons», sabermos mostrar aos nossos filhos que merecemos a sua confiança.

Mas teremos, primeiro de nos mostrar capazes de participar dignamente numa luta que se pretende honesta.

Pensemos, antes de nos dirigirmos para a bancada. Na nossa frente poderemos ler «Respeite o esforço dos atletas». Não se defraude o espectáculo desportivo. Não se traia a essência do desporto. E já agora, não se fume.



## ANDEBOL

### S. C. E. - Campeão REGIONAL DA 1.ª DIVISÃO

Espinho, 18 - Vitória, 14

S. C. E. — Capela, Pinto I, Alfredo, Jorge, Fernando, Canelas, Orlando, Pinto II, Mesquita, Caprichoso, Godinho e Rocha.

O S. C. E. conseguiu no curto espaço de 3 anos vencer os campeonatos regionais da 3.ª, 2.ª e 1.ª divisões da Associação de Andebol do Porto, isto depois de toda a polémica que na altura houve devido à mudança de Aveiro para o

voltar a ver em recintos onde a lealdade e a correcção devem imperar. Felizmente que desta vez os problemas não foram com a equipa de arbitragem o que a ter acontecido teria acarretado bastantes prejuízos para os espinhenses.

Do jogo propriamente dito também não gostámos já que os «tigres» têm valor para jogarem muito mais. Na primeira parte principalmente a equipa foi desastrosa a defender mostrando-se Capela também bastante ingénuo, o que felizmente já não viria a acontecer no



Porto, tendo agora a hipótese de poder disputar na próxima época o nacional da 1.ª divisão. Estas vitórias têm quanto a nós um grande obreiro e ele é sem dúvida Manuel Jorge o técnico que esta época não pôde continuar ao serviço dos «tigres», mas cujo trabalho de épocas anteriores justificou. Não queremos dizer com isto que o actual técnico Orlando não tenha mérito nesta vitória, mas apenas que para a obtenção dos 3 títulos consecutivos a acção de Manuel Jorge foi decisiva.

Falando do jogo com o Vitória temos em primeiro lugar que lamentar uma vez mais que uma parte do público não tivesse o mínimo de educação para assistir a um espectáculo desportivo provocando incidentes que gostaríamos de não

2.º tempo. A atacar a equipa mastigou um bocado o jogo, só tirando partido da velocidade e do contra-ataque nos minutos finais, altura em que assegurou a vitória. Em suma, uma vitória saborosa num jogo que apenas foi emotivo devido à incerteza do resultado. Esperemos que o S. C. E. no nacional da 2.ª divisão que vai disputar brevemente consiga obter o passaporte para na próxima época estar entre os grandes do nosso andebol. Esperemos também que esta vitória, que este título de campeão não se consuma, que provoque um trabalho de continuidade, que não feche as portas, que ponha todos aqueles que o desejarem a jogar andebol, que engrandeça a modalidade, que sirva a população.

## FUTEBOL

### ESPINHO - BOAVISTA

#### A VITÓRIA DO TEMPORAL!

Jogo interrompido aos 69 minutos! A bancada abanava, os guarda-chuvas tremiam, as balizas aguentavam-se, os jogadores apanhavam chuva e vento, equilibravam-se no terreno empapado, uma verdadeira piscina, a bola boiava junto à bandeirola de canto. Os adeptos que tinham ocorrido, magro o temporal, resistiam de ossos encharcados. O mar chegava cá cima, passeava furiosamente entre as artérias, vinha até à rua 6, visitava as casas. O que apetece era ir para casa. Jogar naquelas condições é viver um pesadelo frio e molhado. O sr. NEMÉSIO CASTRO lá se convenceu e mandou os profissionais para os balneários e o público embora. Estavam as duas equipas empatadas, a uma bola. Golos de REIS (12 minutos), através dum forte remate e de CAROLINO (52 minutos), de recarga, no meio da chuva e da confusão. Início prometedor do Espinho, algumas oportunidades perdidas, mas o vento e a chuva a desgatarem, e JIMMY HAGAN cá de fora, a parecer dar ânimo aos «axadrezados».

Mas não valerá a pena entrar nos em cogitações. O jogo tem que ser repetido, não se sabe quando. Os chutos dados, os golos marcados, a chuva que se apanhou, não

contam para o campeonato. Esforço em vão, solução adiada!

As equipas alinharam:

ESPINHO — Gaspar; Coelho, Pereirinha, Raul e Amaral (Carvalho); João Carlos, Manuel José e Acácio; Mória, Reis e Canavarro.

BOAVISTA — Matos; Trindade, Carolino, Artur e Alberto; Francisco Mário, Barbosa, José Manuel (Salvador) e Jorge Gomes (Vitor Pereira); Albertino e Moínhos.



#### JUNIORES

Espinho, 3 — Lourosa, 1

O jogo temido, discutido até à exaustão por quem acompanha a carreira dos juniores espinhenses, chegou. O mais directo adversário dos «tigres», perito em goleadas, de jogadores bem munidos no aspecto atlético, separado dos locais por um magro ponto, aí estava, pronto para tudo. Só que não teve tempo para quase nada. O golo do Lourosa foi uma oferta dos espinhenses, um passe para trás, mal calculado, e um jogador contrário aproveita. Mas de resto, os espinhenses jogaram e bem. Alhearam-se do público, que se portou um pouco melhor, e mostraram saber jogar futebol. Simples, prático, eficaz! E venceram. Bem!

ESPINHO — Toni; Ferreira (cap.) Rui, Cancela (1) e Brito; Quim Milheiro, Maia (depois expulso) e Marques; Malheiro (1), Rocha e Hermínio (1).

#### INICIADOS

Espinho, 1 — Cortegaça, 1

#### JUVENIS

Anadia, 2 — Espinho, 0

## HÓQUEI EM CAMPO

#### RESERVAS

Vilanovense, 0 — A. A. E., 0

Embora marcando 4 golos a equipa da Académica não teve a felicidade de descobrir o critério do árbitro pelo que apenas lhe foi atribuído o empate.

#### 1.ª CATEGORIA

Vilanovense, 0 — A. A. E., 1

«Chateados» com o resultado das suas reservas os homens das «Primeiras» não perdoaram obtendo assim um triunfo de excelente sabor. Esperemos que ganhem o gosto e de hoje a oito dias nos tragam uma vitoriazinha de Leixões.

## HÓQUEI EM PATINS

### Começou o Nacional da 1 Divisão

Riba d'Ave, 5 — A. A. E., 6  
 A. A. E., 3 — Valongo, 1

#### JUNIORES

A. A. E., 1 — Sanjoanense, 3

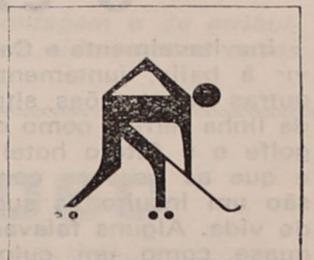
#### INICIADOS

A. A. E., 11 — Carvalhos, 1

#### INFANTIS

A. A. E., 2 — Carvalhos, 2

Surpreendente e agradável vitória da equipa senior contra o Riba d'Ave, atendendo à época que a equipa vem fazendo e ainda às características do rink do adversário. Em juniores, derrota da equipa da Académica contra um adversário valoroso. Nas categorias mais



jovens, empate dos infantis com um Carvalhos atleticamente mais poderoso enquanto que os Iniciados obtiveram mais um retumbante êxito a que já nos habituamos.

#### PRÓXIMOS JOGOS

Nacional da 1.ª Divisão  
 2.ª feira, — 6 de Março

às 22 horas

A. A. E., — Oliveirense  
 No Pavilhão da A. A. E.

## Esta defesa não resolve

«Este temporal veio lembrar mais uma vez que de dia para dia o mar está a provocar um maior desgaste desta zona. Desta vez, nem mesmo a parte mais bem defendida, frente à Guarda Fiscal, conseguiu aguentar. Podemos dizer que a defesa frontal existente é capaz de aguentar com ondas aí até aos 4 ou 5 metros, mas deve ter havido ondas de 6 e mais metros mesmo em cima da esplanada, isto para não falar lá mais para trás, onde elas teriam por vezes mais de 10 metros. É interessante notar que até aqui o mar atacava mais a zona da piscina, mas agora tem vindo a fazer notar os seus efeitos destruidores mais para o sul.

Em relação aos estragos verificados até 6.ª feira já estavam previstas as medidas a tomar, mas agora, como a situação se complicou muito mais, tem que ser tudo revisto. Tudo isto nos obriga de facto a recordar que não é uma defesa que resolve o problema».

— declarações ao nosso jornal do sr. Floriano Vale, fiscal das obras da defesa da praia, que nos disse ainda estar a Direcção Geral de Portos permanentemente informada da evolução da situação, pelo que se espera tomem as medidas necessárias no mais breve espaço de tempo.

## IR A LISBOA PROTESTAR!

«Neste momento estamos a aguardar o que a Câmara e o Governo decidem. Mas não nos vamos deixar ficar se eles não decidirem nada de jeito. Já quando falámos com o senhor Bártolo se disse que se fosse caso disso íamos todos a Lisboa e não saíamos de lá enquanto não olhassem para a nossa vida. E lá na Assembleia da República haviam de falar disso, mais valia do que andarem

para lá a insultar-se e a gastar tempo e dinheiro».

Espera-se, pois, o resultado da ida a Lisboa do Presidente da Câmara, que logo na 2.ª feira de manhã começou contactos para alertar para a situação. Será que desta vez virão medidas a sério? «E não nos venham cá mandar deitar mais uns camiões de pedra, que isso não resolve nada e é mais um bom negócio para quem fica com as empreitadas».

## BOMBEIROS E POLÍCIA CONTESTADOS

Queixas ouvimos muitas, embora nunca em termos extremistas, contra tudo e contra todos, o que até se poderia compreender numa situação destas. As pessoas, firmes embora na sua razão e na ideia de que há que tomar providências, pronunciavam-se em termos calmos. Mas houve uma queixa que estranhámos particularmente por pôr em causa a actuação de duas instituições que deveriam ser das primeiras a agir numa situação dramá-

tica como a que se viveu naquela madrugada. De facto, foi referido que não compreendiam a recusa de intervenção por parte dos bombeiros, que só apareceram mais tarde quando a situação já se ia normalizando. Igualmente foi apontado o facto de a polícia também não ter comparecido, sobretudo para impedir possíveis tentativas de pilhagem se as pessoas se vissem na necessidade de salvar guardados os seus haveres.

## O CASINO EM CAUSA

Inevitavelmente o Casino tinha de vir à baila, juntamente aliás com outras construções situadas abaixo da linha férrea, como o hotel Praia-golfe e o futuro hotel a construir, e que as pessoas consideram que são um insulto às suas condições de vida. Alguns falavam no Casino quase como um culpado da sua situação, criticando com violência as grandes obras que estão agora

em marcha para construir o novo Casino.

Outros, diziam que o Casino não é do Estado e que «eles» podem fazer o que quiserem ao dinheiro. «O que é preciso é que o Estado lance sobre o Casino mais um imposto e que venha a ser empregue para defender a praia e olhar pela nossa situação».

## UMA TAXA PARA AS OBRAS?

As pessoas da zona mais atingidas estão naturalmente dispostas a propor, e forçar se preciso, a tomada de medidas capazes de resolver a situação em que se encontram. Havia quem sugerisse, por exemplo, que a Câmara pedisse um empréstimo a pagar a longo prazo. Para o seu pagamento cada cidadão de Espinho contribuiria com uma quantia mensal a determi-

nar, paga com a cobrança da água e luz. Esse dinheiro, juntamente com a verba a exigir ao Governo, seria utilizado na defesa da praia, que é de inegável interesse geral para a cidade. «Se a gente já é sócio de tanta coisa e paga tantas cotas, porque é que não há-de pagar algum para defesa da nossa cidade?» — perguntavam

homens e mulheres, com as suas queixas e lamentações. Eram as acusações de que nunca houve qualquer entidade que se dispusesse a resolver o problema. Restando apenas o auxílio nos momentos de maior aflição, mas fugindo sempre a tomar uma decisão de fundo, que desde há muito se torna necessário. E, como nos frisaram, ao agir assim não se põe em risco apenas, e isso já é muito,

beira-mar». Era assim que as pessoas manifestavam a sua vontade de ver resolvido um problema que, como até aqui, se vai esquecendo logo que o mar acalme e se remendem os buracos mais visíveis.

«A gente bem sabe que isto é difícil de conseguir, mas há muitas maneiras de arranjar o dinheiro. Até digo mais, quer-me parecer que de pouco vale pensar em fazer aquelas casas ali na quinta do



## CADA UM PÔS O QUE PÔDE ÀS PORTAS...

a situação de milhares de pessoas que vivem na zona, condena-se mesmo o desenvolvimento turístico da cidade.

«Eles têm que nos resolver isto. Não pensem que nos vamos deixar ficar. Se for preciso vamos ocupar aquelas casas ali ao fundo (as pré-fabricadas junto ao golfe), ou para aquele prédio da rua 16 que ainda está vazio. A gente também tem direito a uma casa com segurança». Era este o sentimento de alguns que conosco conversavam. «Se em Lisboa não se dispuserem a resolver o nosso problema, já se fala em ir por aí abaixo até à capital e fazer uma manifestação que alerte para os problemas da gente da

Constante Pereira, sem ter a defesa da praia em condições. Mais valia empregar esse dinheiro nas obras da defesa e era mais um tempo que a gente esperava pelas casas, senão, mais dia menos dia, vem outra vez o mar e lá se vai tudo».

Mais dia menos dia lá vem o mar! Esta é uma ideia que tem perseguido aquela gente, como uma ameaça constante. Foram pais, avós e bisavós dos actuais habitantes, que cada um em sua época, passaram os perigos e as desgraças que ano atrás de ano, com mais ou menos intensidade, os tem atingido, por um lado no trabalho da pesca, por outro em terra, em tardes e noites de aflição.

## A CIDADE NÃO PODE ALHEAR-SE

Os momentos dramáticos e de quase desespero que têm vivido as pessoas da área mais atingida têm sido acompanhados pela cidade em geral. Se os acontecimentos da madrugada escaparam compreensivelmente à generalidade dos habitantes de Espinho, mal correu a notícia foi um mar de gente que para lá se deslocou a avaliar com os próprios olhos a situação em que se encontram aqueles nossos concidadãos. E se havia alguns que entendiam aquilo como um pretexto para um bom espectáculo e umas larachas sobre os perigos

do mar, muitos foram os que procuraram aproximar-se das pessoas mais atingidas e levar-lhes o sinal da sua solidariedade. «Houve até muita gente de fora, que costuma vir para Espinho e que veio aqui falar conosco, conviver o nosso desespero».

De facto, a ideia que há é a de que aquilo não é um problema só daquela gente, dos «pescadores», mas sim de toda a população da cidade, a qual deverá acompanhar com atenção a resolução de um problema que também a afecta directamente.



PORTE  
PAGO